

Comportamento de Jovens Trabalhadores Frente a sua Trajetoria Profissional: análise no setor de comércio de vestuário em Rio Grande-RS

Alessandra Ferreira Teixeira (FURG) - alessandra-ft@hotmail.com

Anne Pinheiro Leal (FURG) - anneleal@furg.br

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo compreender o comportamento do jovem trabalhador frente à sua trajetória profissional no setor de comércio de vestuário em Rio Grande. A pesquisa de natureza exploratória foi aplicada com jovens de 15 a 29 anos que atuam em um universo de 8 lojas do setor de comércio de vestuário em Rio Grande. A intenção é chegar nesta compreensão a partir de fatores relativos às relações de trabalho marcadamente implicadas na juventude, levando em consideração não só a relação que ele estabelece com a organização, mas também frente a situação de vida desse tipo de trabalhador. Os dados permitiram esclarecer algumas hipóteses: se o maior tempo de permanência nos estudos prolonga a juventude e leva o jovem a melhores oportunidades de trabalho; se a classe social limita as oportunidades de escolarização desses jovens e conseqüentemente a ocupação de posições que não são tão satisfatórias quanto eles desejam; e se os eventos que marcam a transição para a vida adulta desses jovens impactam em sua trajetória profissional, influenciando sua permanência e comprometimento com o trabalho e com as organizações nas quais atuam.

Palavras-chave: *Juventude e trabalho, Trajetória Profissional, Relações de Trabalho.*

Área temática: *GT-22 Trabalho em Mutação: Carreira, Ocupações e Inserção Profissional na Contemporaneidade*

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, uma das maiores preocupações dos jovens no Brasil é não conseguir se inserir no mercado de trabalho. Exercer a atividade laboral para os mesmos muitas vezes é um meio para sua subsistência, sustentar sua família ou ainda, adquirir reconhecimento (GARCIA, 2003). No geral a juventude depara-se com problemas como o emprego informal, subempregos, precarização do trabalho, baixa remuneração e a falta de oportunidade para o ingresso no mercado de trabalho (RAITZ e PETERS, 2007). Segundo Oliveira (2012), a população jovem mantém grandes taxas de desemprego devido às relações de trabalho cada vez mais instáveis se comparadas aos adultos, visto que há grande oferta de mão-de-obra jovem no mercado.

No entanto, embora esses jovens anseiem por posições de sucesso no mercado de trabalho e pelo reconhecimento e aprovação social, há de certa forma, um paradoxo que permeia a vontade desses indivíduos. Enquanto almejam reconhecimento, apresentam o maior nível de rotatividade entre os trabalhadores (SEBRAE, 2015). Lehmann (2015), em sua pesquisa sobre o descomprometimento dos trabalhadores sob o ponto de vista da precarização do trabalho em organizações do comércio de materiais de construção em Rio Grande-RS, identifica que os trabalhadores jovens que atuam em empresas desse setor mantêm índices maiores de rotatividade.

A presente pesquisa parte desta constatação e estabelece como objetivo geral **compreender o comportamento do jovem trabalhador frente à sua trajetória profissional no setor de comércio de vestuário em Rio Grande**. A intenção é chegar nesta compreensão a partir de fatores relativos às relações de trabalho marcadamente implicadas na juventude, levando em consideração não só a relação que ele estabelece com a organização, mas também frente a situação de vida desse tipo de trabalhador.

2 A QUESTÃO DA JUVENTUDE

A segmentação da vida em fases distintas parte de determinações históricas de natureza econômica, social, biológica e cultural. Fatores como puberdade, reprodução, menopausa, morte, formatura, primeiro emprego, casamento e aposentadoria vem servindo de parâmetro para tal classificação na contemporaneidade (CAMARANO,

2006). A juventude é marcadamente a fase que separa a infância da vida adulta caracterizando assim, uma fase de transição e experimentação.

De acordo com Raitz e Petters (2008), a juventude e a adolescência só começaram a ser vistas como fases distintas após a expansão da economia mercantil, a afirmação da classe burguesa e o surgimento escola universal. Todavia, é somente no século XX que a escola, a organização militar e as instituições preocuparam-se com a identificação social e a política da juventude. Outro fator que influenciou essa separação foi o aumento da expectativa de vida da população mundial. No caso da população brasileira, entre 2000 e 2015 a expectativa de vida passa de 69,83 anos para 75,44 anos (IBGE, 2015).

A juventude pode ainda ser abordada como a faixa de tempo que transcorre entre 15 a 29 anos de idade. Andrade (2008) classifica a juventude em três grupos: os de jovens de 15 a 17 anos (jovem adolescente), os de 18 a 24 anos (jovem-jovem), e os de 25 a 29 anos (jovem adulto). Embora a demarcação temporal seja importante para fazer essa delimitação das fases da vida, o que é o foco da tradição geracional da juventude, não é suficiente para caracterizá-la, pois segundo Bourdieu (1983, p.113)

(...) idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.

Desta forma, para falarmos de juventude devemos observar também as mudanças de comportamento e pensamento que os jovens sofrem durante essa fase da vida, os desafios os quais eles têm que passar e quais seus objetivos e projetos. Além disso, devemos observar também os eventos que marcam essa transição para a vida adulta, pois muitas vezes não seguem uma ordem concreta para todos os jovens de uma mesma classificação periódica, socioeconômica ou cultural.

2.1 A transição para a vida adulta e o mundo do trabalho

Bourdieu (1978) afirma que o conceito de juventude deve ser tratado no plural “juventudes” pelo fato de que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações. Em meados dos anos 90 até os dias atuais vários autores como, por exemplo, Pais (1990), Sposito (2005), Camarano (2006), Melo e Borges (2007), Oliveira et.al. (2011), Peregrino (2011), Mota e Tonelli (2013), Lobato e Labrea (2013), vêm reforçando essa ideia. Além disso, esses autores também nos

mostram que isso acontece pelo fato de que a construção da identidade desse estrato da sociedade é baseada em suas oportunidades de vida, convívio familiar e social, condições socioeconômicas, culturais e seus modos de transição para a vida adulta.

De acordo com Camarano (2006), os modelos tradicionais de transição, consolidados após Segunda Guerra Mundial, consideram uma linearidade nos eventos ocorridos na vida do indivíduo que ordenam seu caminho da infância até a velhice. Segundo essa concepção tradicional, a trajetória que marca a transição para a vida adulta é composta pela saída da escola, ingresso no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, formação de um novo domicílio pelo casamento e nascimento do primeiro filho. No entanto, hoje o que se observa são **trajetórias não lineares, coincidentes e reversíveis** que contribuem para essa passagem para a vida adulta. Não lineares, pois não acompanham a sequência tradicional das etapas de transição para a vida adulta. Coincidentes porque devido a essa não linearidade os eventos podem acontecer em um mesmo momento como, por exemplo, a constituição da família que pode ocorrer simultaneamente com a permanência desse jovem na escola. E reversíveis porque esse jovem pode ultrapassar uma fase dessa transição como, por exemplo, sair da casa dos pais e posteriormente voltar a morar com os mesmos por dificuldades financeiras.

Além disso, devido a mudanças socioculturais, os jovens hoje gozam de um grau maior de autonomia com relação aos adultos e à escola em seus processos de socialização. De fato, a escola ainda desempenha o principal papel nessa socialização, assim como o convívio familiar, mas hoje em dia, o jovem possui uma grande facilidade em obter informações e construir uma rede de relacionamentos, seja com colegas da escola, amigos, vizinhos, pessoas do trabalho e também através da internet.

Aliada às expressões culturais, uma outra dimensão da condição juvenil é a sociabilidade. Uma série de estudos sinaliza a centralidade dessa dimensão que se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos de lazer e da diversão, mas também presente nos espaços institucionais como a escola ou mesmo o trabalho. (DAYRELL, 2007, p.1110)

Isso não impede ainda que esses jovens sejam protegidos por seus pais, pois segundo Camarano (2006) a juventude é a transição entre dois universos: o das crianças e dos adultos, pois os jovens têm autonomia parcial em suas vidas e estão aptos para determinados atos e ao mesmo tempo, são tutelados por seus responsáveis.

Dentre os acontecimentos sociais que contribuíram para a mudança na transição do jovem para a vida adulta podemos citar o aumento da expectativa de vida da população

brasileira cujo efeito foi também um prolongamento da juventude. A extensão do tempo de transição interage com a nova estrutura do mercado de trabalho de forma a adiar, muitas vezes, a entrada do jovem na economia ativa e um maior tempo de permanência dos jovens na escola.

Melo e Borges (2007) ainda reforçam essa ideia dizendo que atualmente os jovens precisam reformular seus projetos de vida para acompanhar a demanda do mercado, adotando outras trajetórias de vida tais como a opção de um novo curso universitário, ou uma pós-graduação, o retardamento da constituição da família, a aceitação de um emprego de menor remuneração ou ainda em uma área diferente de sua formação para adquirir experiência.

Também quando se considera o curso atual da transição da sociedade industrial para a chamada sociedade do conhecimento, tende-se a observar uma importante mudança na relação entre educação e formação e o mundo do trabalho. Em função disso, o tempo de preparação para o ingresso no mercado de trabalho pode ser bem maior, com a educação e a formação estabelecendo uma relação de continuidade ao longo da vida útil das classes trabalhadoras. (POCHMANN, 2004, p.391)

Outro fato interessante observado por Camarano (2006) é que em 2002 os jovens com escolaridade mediana e alta mantinham taxas de desemprego mais elevadas que os jovens com escolaridade baixa. Assumiu-se que eles deviam ser mais seletivos e que tendiam a ficar mais tempo à procura de emprego, ao passo que também contavam com um maior apoio material da família. Já os jovens com escolaridade mais baixa eram pressionados a aceitar as oportunidades que aparecessem, ficando menos tempo à procura de trabalho.

É importante também levar em consideração que existem três grupos de jovens distintos quando falamos em educação e trabalho: os que só trabalham os que trabalham e estudam e os que não trabalham e não estudam. Pochmann (2004) afirma que as desigualdades sociais brasileiras e a classe em que os jovens estão inseridos os forçam a desempenhar papéis diferentes na sociedade quanto à participação na escola e no mercado de trabalho, pois os jovens de baixa renda têm menos oportunidades de educação e trabalho que os jovens de maior renda familiar. Ademais, os jovens com renda familiar baixa possuem um menor índice de acesso ao emprego com contrato formal em relação aos de renda mais alta. Em 2010 o Brasil possuía 51,3 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, desses 53,5% trabalhavam, 36% estudavam e 22,8% estudavam e trabalhavam conforme os dados do censo de 2010 do IBGE. Sendo assim, se levarmos em conta a condição socioeconômica da maioria dos jovens brasileiros, entendemos que em alguns

casos as fases que compreendem o estudo e a inserção no mercado de trabalho do jovem não estão separadas, e, portanto, tornam-se eventos coincidentes dessa transição para vida adulta.

Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz juventude” (DAYRELL, 2007, p.1109).

Embora a necessidade de trabalhar seja mais evidente em classes mais baixas, jovens de classe média também buscam fazer parte da classe trabalhadora para garantir experiência em suas áreas de estudo ou ainda para ter meios para garantir seu consumo. Esse anseio por fazer parte da classe trabalhadora, seja por necessidade familiar, independência financeira, obtenção de experiência profissional ou ainda para poder consumir produtos que eles consideram importantes, como eletrônicos, roupas de marca e a possibilidade de pagar por seus estudos, os levam a trajetórias ocupacionais marcadas cada vez mais pelo signo da incerteza, pois ocupam as ofertas de empregos que aparecem, normalmente de curta duração e baixa remuneração, o que deixa pouca possibilidade de progredir na carreira profissional (ANDRADE, 2008) e também a ocupar posições de trabalho precárias.

Por outro lado, é importante observar também que, esse prolongamento da juventude em função desse maior tempo de estudo e a entrada no mercado de trabalho não é uma característica homogênea entre os jovens brasileiros. Se levarmos em consideração todos os aspectos sociais que fazem parte da vida desse indivíduo veremos que a classe e a composição familiar impactam diretamente nesse processo de transição. Camarano (2006) sugere que os jovens com menor renda familiar tendem a diminuir seu tempo de transição para a vida adulta, pois,

(...) No Brasil, a educação não parece fazer parte de um projeto de desenvolvimento, como em outros países. O impacto desse modelo é a antecipação da entrada na vida adulta. Isso implica, do ponto de vista dos jovens, a eliminação de um momento importante de exploração e experimentação, tanto na qualificação para o mercado de trabalho quanto no campo das relações afetivas. Do ponto de vista da sociedade, a antecipação da vida adulta acarreta menos desenvolvimento e persistência das desigualdades sociais e da pobreza (CAMARANO, 2006, p.23).

A questão de gênero também se mostra relevante para entender o processo de transição para a vida adulta. Tradicionalmente a transição no caso das mulheres dava-se

através do casamento e da maternidade, o que entre os homens acontecia em função do término dos estudos e de sua inserção no mercado de trabalho. No entanto, o que vemos hoje é uma tendência à diminuição desta diferença: em 2010 as mulheres ocupam 54,6% dos postos de trabalho do Brasil, 54,7% delas com idades entre 15 e 17 anos frequentavam o ensino médio e 37,3% das mulheres no Brasil são responsáveis pelo sustento de suas famílias. Em 2011 57,1% das mulheres entre 18 e 24 anos frequentavam o ensino superior (IBGE, 2010).

É interessante observar que, embora os jovens tenham mudado seus perfis ao longo dos anos, aumentando sua escolaridade média, ainda assim possuem grande dependência do convívio familiar, suas influências e seu apoio. Prova disso, é o adiamento da saída da casa dos pais. Essa permanência se dá em função do aumento do tempo de estudo, pelas condições financeiras que impedem o jovem de adquirir sua moradia, pela obtenção de novas responsabilidades que os impedem de se desvincular da família de origem e ainda pelo fato de que como os jovens estão se tornando sexualmente ativos cada vez mais cedo acabam sendo pais na adolescência e constituindo suas famílias durante o tempo de moratória com suas famílias de origem. Mas se a escolaridade e o trabalho são eventos extremamente importantes que levam esse jovem a transição para vida adulta, como essa transição acontece no caso de jovens que não estudam e não possuem emprego?

Camarano (2006) observa que esses jovens podem estar à procura de emprego ou ainda não executar nenhuma dessas atividades devido a outros fatores como a maternidade ou nupcialidade, ou ainda por ser portador de alguma doença que o impeça de exercer essas funções, bem como a necessidade de cuidar de alguém da família. Nesse caso, o gênero também é levado em consideração, já que as mulheres cedem seu tempo para atividades como cuidar de suas casas e filhos, enquanto os homens vão a busca de oportunidades para se inserir no mercado de trabalho.

Chegamos aí a quatro questões imprescindíveis para entender esse processo de trajetória do jovem para a vida adulta. São elas a sexualidade, o casamento, a parentalidade e a saída da casa dos pais ou ainda aquisição de moradia. Esses quatro processos antigamente estavam ligados à autonomia do jovem e a capacidade de prover meios de se sustentar e fazer parte da população economicamente ativa. Porém, devido às questões anteriormente expostas e ao fato de que a sexualidade tem feito parte da vida dos jovens cada vez mais cedo, não há mais uma linearidade desses eventos, logo a

passagem por esses quatro processos de transição citados agora acima poderá dar-se de forma despreparada em suas vidas.

A iniciação da atividade sexual mais cedo, assim como mostram Calazans (2005) e Camarano (2006) em especial a feminina, parece resultar numa reprodução “precoce” de forma mais intensa entre os jovens inseridos em famílias com menor renda *per capita* e escolaridade mais baixa. Esse fenômeno leva esses jovens de baixa renda a abandonar o processo de escolarização contribuindo para diminuir suas chances no mercado de trabalho. Nesse caso, o evento da gravidez propicia uma “transição condensada” para a vida adulta. Além disso, a parentalidade os impulsiona a nupcialidade.

Outro ponto importante é que o aumento da idade e da escolaridade contribui com o aumento do número de relacionamentos na configuração de namoro e casamento, o que indica que quanto mais velhos os jovens ficam, mais anseiam pela formação de suas famílias. Em contrapartida, Camarano (2006) expõe que a formação de famílias durante a juventude se dá principalmente devido à gravidez precoce, que atinge principalmente jovens na faixa entre 15 e 19 anos. Essa discussão contribui para entendermos melhor a formação de famílias concomitantemente com a permanência do tempo na casa de sua família de origem, denominadas famílias conviventes, bem como as relações de parentalidade que se formam durante a transição para a vida adulta.

Segundo Camarano (2006) a formação dessas famílias conviventes parece ter sido desencadeada, principalmente pela maternidade e acompanhada, em parte, pelo casamento sem uma inserção adequada no mercado de trabalho que lhes permitisse a independência econômica. Podem também ser configuradas por mães solteiras com filhos, bem como jovens com filhos que se divorciam e voltam a morar com suas famílias de origem, necessitando assim de um suporte econômico para a criação de seus filhos. Ou ainda por casais jovens que ainda não tem as condições financeiras necessárias para manter seu sustento e necessitam de apoio para continuar seus estudos e buscar oportunidades melhores de emprego.

Na formação dessas famílias há duas classificações de domicílios: domicílios de jovens, onde os mesmos estavam em condições de chefes de família ou cônjuges que provem a renda familiar e possuem independência econômica e, domicílios com jovens que seriam aqueles em que o jovem ocuparia outras condições. Nos dois casos pode haver a formação de novas famílias através da relação com cônjuges e filhos, porém os domicílios com jovens tende a ser mais numerosos devido ao incentivo a permanência na escola, bem como a maior proteção dos pais do que nos domicílios de jovens onde os

quais são os provedores da renda familiar. Outra ressalva importante a ser exposta é que a formação de domicílios de jovens poderá dar-se por meios que não sejam o casamento ou o nascimento de filhos. A saída da casa dos pais pode estar atrelada também a sua participação no mercado de trabalho e a necessidade de se desvincular do convívio familiar para garantir sua independência sociofamiliar.

Situações reversíveis também são protagonizadas por esses jovens. Além de constituírem famílias durante o tempo de permanência na casa dos pais, também é comum a volta desses jovens para seus lares de origem devido aos divórcios que acontecem durante esse tempo de transição para a vida adulta. Nesse caso, as mulheres representam um número mais expressivo em relação aos homens (CAMARANO, 2006). Outro fato interessante é que há casos em que esses jovens saem da casa de seus pais mesmo sem ter independência financeira e posteriormente precisam de ajuda dos mesmos para manter suas despesas.

Para fins deste estudo, buscamos sistematizar os fatores relacionados à análise de trajetórias profissionais dos jovens, quis sejam:

- a) Parentalidade: Está relacionada ao fato do jovem possuir filhos ou não e constituir suas famílias através do casamento ou o nascimento de seu primeiro filho. Ainda está ligada ao fato de que em alguns casos há uma “desvinculação entre atividade sexual e união conjugal e entre união conjugal e parentalidade, apontando para uma flexibilização nos padrões de relacionamentos afetivos e familiares” (CAMARANO, 2006, p.18);
- b) Famílias Conviventes: Jovens que constituíram suas novas famílias sem ter saído da casa dos pais. Segundo Camarano (2006), a formação dessas famílias conviventes parece ter sido desencadeada, principalmente, pela maternidade e acompanhada, em parte, pelo casamento sem uma inserção adequada no mercado de trabalho que lhes permitisse a independência econômica;
- c) Escolaridade: Implica em analisar qual o nível escolar (fundamental, médio, superior) desse trabalhador jovem e também investigar se este possui alguma formação profissionalizante ou complementar à educação básica;
- d) Trajetória profissional: em que organizações já atuaram, quais foram as atividades que esses jovens já executaram, por quanto tempo permaneceram nessas organizações e o que os faz permanecer na organização onde ele trabalha hoje;

- e) Comprometimento com o trabalho: relacionado a comportamento desse jovem frente à organização. Implica questões como: chegar no horário, cumprir as atividades estabelecidas pela organização, manter um bom relacionamento com os colegas de trabalho, respeitar a hierarquia;
- f) Situação socioeconômica: implica a renda, gênero e oportunidades de desenvolvimento que esse jovem teve em sua vida.

O referencial construído para a pesquisa também nos possibilitou elaborar algumas hipóteses a serem observadas na posterior análise dos dados. São elas:

- i) O maior tempo de permanência nos estudos prolonga a juventude e leva o jovem a melhores oportunidades de trabalho;
- ii) A classe social limita as oportunidades de escolarização desses jovens e conseqüentemente a ocupação de posições que não são tão satisfatórias quanto eles desejam;
- iii) Os eventos que marcam a transição para a vida adulta desses jovens impactam em sua trajetória profissional influenciando sua permanência e comprometimento com o trabalho e com as organizações nas quais atuam.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme mencionado anteriormente, o objetivo geral do trabalho trata de compreender o comportamento do jovem trabalhador frente à sua trajetória profissional no setor de comércio de vestuário em Rio Grande. Para tanto, foram cumpridos os seguintes objetivos específicos: 1) caracterizar a trajetória profissional dos jovens em questão; 2) identificar quais as atividades que esses jovens exercem além da atividade laboral; 3) caracterizar a situação de vida desses jovens frente aos aspectos: parentalidade, condição socioeconômica, escolaridade, nupcialidade e convívio com sua família de origem; 4) relacionar tais fatores com sua postura frente à situações de trabalho e projeto de vida relacionado com a sua trajetória profissional; 5) investigar se as organizações nas quais esses jovens atuam possui alguma política de retenção de funcionários; 6) investigar a opinião dos gestores das organizações a respeito do comportamento de trabalhadores jovens no ambiente organizacional.

Foi realizada uma pesquisa de campo exploratória, pois embora o tema: “a relação do jovem com o mercado de trabalho”, tenha sido abordado em outras pesquisas (Ribeiro,

2011; Raitz e Petters, 2007; Maia e Mancebo, 2010; Garcia, 2003), não se verificou a existência de muitos estudos que abordem especificamente o problema proposto no presente trabalho. A natureza do estudo é qualitativa e quantitativa, e o delineamento é estudo multicaso.

O universo da pesquisa é formado por jovens entre 15 e 29 anos que trabalham em 8 lojas de vestuário do comércio de Rio Grande-RS, sendo elas denominadas Loja Argentina, Loja Bolívia, Loja Chile, Loja Colômbia, Loja Equador, Loja Paraguai, Loja Uruguai e Loja Venezuela. Esses nomes fictícios foram criados com o objetivo de manter a confidencialidade da identidade das lojas. Primeiramente a escolha das organizações partiu do interesse em investigar empresas que tivessem um sistema de gestão de pessoas mais complexo a ponto de se conseguir observar a influência de políticas de retenção no comportamento dos jovens frente ao trabalho. No entanto, a partir da impossibilidade de ter acesso a algumas dessas organizações, expandimos o universo da pesquisa para lojas menores, no intuito também de observar diferenças entre organizações mais e menos complexas. O tamanho da amostra é de 44 respondentes compostos de trabalhadores com idade entre 15 e 29 anos, mais 7 gestores das lojas pesquisadas.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos entrevistas com perguntas semiestruturadas feitas com os 28 jovens trabalhadores de 7 lojas de vestuário do comércio de Rio Grande e também questionários com 16 trabalhadores entre 15 e 29 anos que atuam na Loja Venezuela, devido ao fato de a empresa não permitir a elaboração de entrevistas gravadas. Além disso, foram feitas entrevistas com perguntas semiestruturadas com os gestores das lojas Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e Uruguai. As entrevistas foram gravadas e posteriormente as respostas foram categorizadas por análise de conteúdo em alternativas de resposta, de forma que se pudesse reduzir as respostas a variáveis nominais. Após os dados qualitativos serem reduzidos a quantitativos, foram tratados por estatística descritiva no software Microsoft Excel.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Primeiramente, julgamos importante apresentar uma breve caracterização das lojas participantes da pesquisa, já que o estudo trata em algum momento da relação entre práticas de retenção e comportamento jovem. As lojas são aqui elencadas em ordem decrescente de tamanho.

A Loja Venezuela atua em Rio Grande há mais de 40 anos no calçadão da cidade e conta com uma equipe em torno de 25 funcionários, sendo que 16 deles fazem parte da faixa etária da presente pesquisa. A Loja Venezuela faz parte de uma rede de lojas fundada em 1922 que atualmente é a maior varejista de moda em faturamento do Brasil, contando com 350 lojas no país e cerca de 17 mil funcionários.

A Loja Argentina está em funcionamento há mais de 50 anos e está localizada no centro da cidade, contando com uma equipe de cerca de 25 funcionários. Faz parte de uma rede de 76 lojas por todo o Rio Grande do Sul que já atua no mercado há 60 anos. O foco da rede é oferecer moda acessível com produtos de moda feminina, masculina, calçados e produtos de cama, mesa e banho.

A Loja Uruguai atua no mercado há 2 anos, também está localizada num shopping e conta com uma equipe de 20 funcionários, sendo que 5 deles participaram dessa pesquisa. A Loja Uruguai faz parte da mesma rede de lojas que a Loja Argentina.

A Loja Paraguai está localizada num shopping e atua no mercado há 2 anos. Conta com uma equipe de cerca de 15 funcionários, sendo que 5 deles fazem parte da faixa etária dessa pesquisa. Compõe uma rede de lojas fundada em 1948 e que hoje possui mais de 400 lojas em todo Brasil, empregando em torno de 13 mil pessoas (70% deles são mulheres).

A Loja Chile é voltada totalmente para o público jovem e faz parte de uma rede fundada em 1976, que conta com 39 lojas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. A Loja Chile atua a cerca de 20 anos em Rio Grande e conta com uma equipe de 8 trabalhadores sendo que todos são jovens.

A Loja Bolívia é uma loja local fundada há 19 anos localizada no calçadão de Rio Grande, possui uma equipe de 20 funcionários, destes 4 fazem parte da faixa etária desta pesquisa.

A Loja Equador também é uma loja local que está no mercado há 15 anos, localizada no centro da cidade e que conta com uma equipe de 4 funcionários, sendo que 2 deles fazem parte da faixa etária da pesquisa.

A Loja Colômbia é uma loja local que atua há 7 anos no mercado e localiza-se em um bairro menos central da cidade. Por ser uma loja pequena, conta hoje com uma equipe de 3 funcionárias e uma delas faz parte da faixa etária da pesquisa.

Com relação propriamente aos jovens trabalhadores, a tabela 1 sintetiza como se mostrou a distribuição dos mesmos conforme as variáveis socioeconômicas.

Observa-se que a grande maioria é composta de trabalhadoras, provavelmente em função de se tratar de comércio de vestuário. Com relação à **idade**, optou-se por fazer uma classificação em 3 subgrupos, conforme Andrade (2008), pois identifica-se que algumas características como parentalidade, nupcialidade, habitação e escolaridade se diferem de acordo essas fixas de idade. Os 3 subgrupos são: os de jovens de 15 a 18 anos (*jovem-adolescente*) – 11%, os de 19 a 24 anos (*jovem-jovem*) – 64%, e os de 25 a 29 anos (*jovem-adulto*) – 25%.

Nas categorias **nupcialidade, parentalidade e famílias conviventes** 39% dos participantes são solteiros, 39% casados ou estão em união estável e 10% possuem namorado. Desses, 32% possuem filhos e 68% não possuem e 41% moram com cônjuge ou namorado, 43% com pais ou responsáveis, 9% sozinho ou divide com irmão ou amigo e 7% mora com o cônjuge na casa dos pais. Isso nos mostra que grande parte dos jovens participantes estão constituindo suas famílias. Observamos que dos 68% que responderam que não possuem filhos, 61,2% fazem parte do grupo de jovens-jovens. 11% dos participantes era do sexo masculino e 89% feminino.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESPONDENTES CONFORME FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS

SEXO		FAIXA ETÁRIA		ESCOLARIDADE	
Feminino	89%	Adolescente jovem (15 a 18)	11%	Ensino médio incompleto	18%
Masculino	11%	Jovem jovem (19 a 24)	64%	Ensino médio completo	57%
		Jovem adulto (25 a 29)	25%	Ensino superior incompleto	23%
				Ensino superior completo	2%

SITUAÇÃO AFETIVA		PARENTALIDADE		RESIDÊNCIA	
Solteiro	39%	Sim	32%	Com pais/responsáveis	43%
Namorando	22%	Não	68%	Com cônjuge na casa dos pais/responsáveis	7%
Casado/união estável	39%			Com cônjuge	41%
				Sozinho com irmãos/amigos	9%

RENDA		DESPESAS CASA		ESCOLARIDADE DOS PAIS	
0-2 salários mínimos	93%	Não contribui	20%	Ensino fundamental incompleto	37%
2-4 salários mínimos	7%	Contribui	80%	Ensino fundamental completo	18%
				Ensino médio incompleto	2%
				Ensino médio completo	34%
				Ensino superior incompleto	2%
				Ensino superior completo	7%

FONTE: elaborado pelas autoras.

Quando questionados sobre **estudar atualmente** 39% dos participantes disseram que estudam, sendo que grande parte desses respondentes fazem parte do grupo jovem-

jovem, não possuem filhos e a maioria deles habita com os pais ou responsáveis, e aqui temos mais um ponto importante, pois como havíamos dito antes, as fases de transição para a vida adulta não obedecem a uma sequência linear. Nesse caso, **os eventos parentalidade e atividade escolar não são coincidentes**, o que nos permite identificar dois perfis distintos da relação juventude e trabalho: os que estudam e não possuem filhos e os que não estudam, trabalham, possuem filhos e fazem parte dos subgrupos jovem-jovem e jovem-adulto, pois a constituição de família e o fato de ter que sustentar seus filhos fazem com que esses trabalhadores jovens interrompam sua trajetória escolar.

Descobrimos também outro fator interessante, pois 41% dos participantes disseram que começaram a trabalhar porque queriam ser mais independentes e ter o seu próprio dinheiro (sendo que esses jovens não possuem filhos) e não por uma questão de necessidade familiar assim como mostra o trecho da entrevista a seguir:

Não, foi uma coisa que partiu de mim assim, a minha mãe nunca me obrigou a trabalhar até porque ela primeiro queria que eu me formasse pra depois trabalhar só que em função de eu gostar de independência entendeu? (Respondente 24)

Observou-se também que alguns jovens ingressaram no mercado de trabalho ainda cursando a educação básica e que o modo como se inseriram foi através de programas de estágio ou em empregos informais quando os mesmos ainda eram menores de idade assim como mostram os trechos a seguir:

...desde os 16 anos eu era jovem aprendiz, auxiliar administrativo... (Respondente 23)

Já mas não carteira assinada só por conta. Com vendas, não fiquei muito tempo não... (Respondente 20)

Todos os respondentes da pesquisa se consideram comprometidos com o seu trabalho, mas quando questionados sobre o motivo pelo qual eles se sentem comprometidos, 32% disseram que são comprometidos porque cumprem todas as regras e tarefas, 14% porque gostam do seu trabalho, 7% porque precisam do emprego para se sustentar ou sustentar suas famílias (nesse caso todos os respondentes possuem filhos), 5% porque trabalhar foi uma escolha pessoal, 25% porque se consideram responsáveis, 11% pela possibilidade de crescimento no emprego e, no caso destes 11%, quando

questionados sobre os motivos que os levariam a deixar o seu emprego atual, com exceção de uma participante, todos disseram que deixariam por uma oportunidade de emprego melhor. Além disso, **aqueles que se julgam comprometidos em função de uma perspectiva de crescimento no emprego não possuem filhos nem são casados e estudam atualmente, o que demonstra que este grupo prioriza um projeto profissional em detrimento da simples manutenção da vaga de emprego.**

Mas embora todos se julguem comprometidos com seu trabalho, como havíamos dito antes, as entrevistas com os gestores das lojas participantes mostram que essa percepção é contrária em alguns casos, pois apenas 57% dos gestores afirmam que esses jovens são comprometidos com a atividade. 15% dizem que esses jovens se mostram comprometidos pelo fato de precisar da remuneração e não pela perspectiva de crescimento ou permanência, 14% afirmam que o comprometimento depende do perfil e da história de vida de cada trabalhador e 14% afirmam que esses jovens se mostram mais comprometidos com os seus projetos pessoais do que com a empresa.

Com relação à rotatividade e permanência desses jovens em seus empregos, descobrimos que mais da metade dos respondentes não permaneceram mais que 2 anos em seus empregos anteriores. Claro que há que se considerar que se trata de trabalhadores com recente inserção em atividade de trabalho. Observou-se aqui que o grupo que possui maior instabilidade e menor tempo no empregos anteriores é o grupo de jovem-jovem, e aí fazendo uma relação com o nível de escolaridade dos participantes, observa-se que **quanto mais alto é o grau de escolarização desses jovens menor é o seu tempo de permanência nos empregos anteriores.** Quanto aos motivos de saída ou permanência em um emprego as respostas foram bem diversificadas: 18% responderam que saíram do emprego anterior por uma proposta de emprego melhor, 14% por um salário melhor, 2% para ter mais tempo livre, 4% porque não gostavam de seu ambiente de trabalho, 9% por causa de suas famílias, nenhum deles saiu por algum motivo de doença, 7% porque não conseguiram conciliar o emprego anterior com seus estudos, 5% foram demitidos, 7% porque não havia oportunidade de crescimento em seu emprego anterior, 7% por insatisfação ou porque não gostavam do que suas funções, 16% disseram que o emprego atual foi o seu primeiro emprego e 11% não responderam a essa pergunta.

Já do ponto de vista dos gestores entrevistados, quando questionados sobre quais motivos eles identificavam para essa rotatividade, 57% deles afirmam que os jovens buscam melhores oportunidades de trabalho, 29% afirmam que os jovens se mostram mais instáveis no mercado devido ao apoio da família e a sua maior escolarização e 14%

dos gestores afirmam que o motivo para essa rotatividade é porque esses jovens não possuem um objetivo em suas vidas.

Foi perguntado a esses gestores se a organização possuía alguma política de retenção de funcionários. 71% dos gestores afirmaram que sim e 29% disseram que não. Perguntamos então quais ações são aplicadas para a retenção desses funcionários e as respostas foram: 43% incentivo à capacitação interna e meritocracia, 29% plano de carreiras e trainee, 14% premiações e 14% responderam que não há ações para a retenção dos funcionários. Mas mesmo com esses incentivos quando comparamos com as respostas dos jovens trabalhadores em questões como: o que te levaria a deixar o seu emprego atual? E o que você quer fazer no futuro?, grande parte deles quer voltar a estudar, mudar de área e dizem que trocariam seu emprego atual por uma proposta melhor, sugerindo assim que esses jovens possuem uma perspectiva de futuro diferente da percebida pelos gestores.

A respeito das hipóteses anteriormente mencionadas, pudemos fazer as seguintes análises. Sobre a primeira hipótese - o maior tempo de permanência nos estudos prolonga a juventude e leva o jovem a melhores oportunidades de trabalho -, observamos que os 39% dos participantes que estudam não possuem filhos e que a maioria deles habita com os pais ou responsáveis. No entanto embora mais escolarizados, ainda estão ocupando cargos que não precisam de grau de escolarização muito elevado. Mas aqueles que estudam atualmente manifestam uma vontade de mudar de emprego futuramente assim como mostram os trechos das entrevistas a seguir:

Quero terminar minha faculdade e ser uma promotora de justiça. (Respondente 10)

Quero exercer minha função de professor e posteriormente me especializar na área da linguística” (Respondente 40)

Também observamos que conforme aumenta a escolarização, há uma diminuição no tempo de permanência na vaga de emprego, o que pode ir encontro da observação de Camarano (2006) de que este grupo mais escolarizado tende a ser mais seletivo, podendo ficar mais tempo à procura de emprego.

A respeito da hipótese 2 - a classe social limita as oportunidades de escolarização desses jovens e conseqüentemente a ocupação de posições que não são tão satisfatórias quanto eles desejam -, não obtivemos números expressivos para comprovar essa hipótese,

pois dos 9 respondentes que afirmaram que não ajudam nas despesas da casa e que habitam com os pais, 3 não estudam atualmente. Mas, com exceção de uma respondente, os participantes que disseram que começaram a trabalhar por necessidade ou para ajudar a família não estudam atualmente. 30% dos respondentes afirmaram que começaram algum curso, mas não concluíram ou interromperam seus estudos por motivos financeiros ou porque tiveram que começar a trabalhar assim como mostra o trecho a seguir:

Eu parei no 2º semestre de administração. Porque é algo que eu gosto, que eu me identifico bastante. (Por que parou de estudar?) Por motivos financeiros, porque eu não estava trabalhando e aí só a renda do meu esposo não deu. (Respondente 19)

Sobre a hipótese 3 - os eventos que marcam a transição para a vida adulta desses jovens impactam em sua trajetória profissional influenciando sua permanência e comprometimento com o trabalho e com as organizações nas quais atuam –, descobrimos que a parentalidade e a nupcialidade influenciam no maior tempo de permanência desses trabalhadores nos seus empregos, assim como nos mostram trechos a seguir dos respondentes quando perguntados sobre o porquê de o trabalho ser importante na vida desses jovens e quais suas outras experiências de trabalho:

*Porque com ele eu consigo garantir pelo menos um futuro melhor pros meus filhos né.
(Respondente 8)*

Eu acho importante trabalhar, hoje no meu ponto de vista pra mim poder manter a minha filha, a minha casa, a minha vida, o meu casamento tudo é importante né até porque a vida mudou depois que eu comecei a trabalhar, quando eu fiquei grávida eu passei mais de 1 ano sem trabalhar e como eu sempre trabalhei desde os meus 18 anos e antes disso eu estudei eu não tinha muito essa função de estar em casa, cuidar de filho, casa, isso e aquilo né então eu quase enlouqueci assim nesse 1 ano, nesse período em que eu fiquei grávida e eu voltei a trabalhar e ela tinha 5 meses e foi uma coisa muito estranha pra mim assim, então o que me prende também ao serviço é a minha vida também, tudo né. (Respondente 26)

Estes conteúdos levam a concluir que a questão do comprometimento necessita ser melhor explorada nos estudos organizacionais, pois dependendo do

motivo pelo qual o trabalhador se compromete e pelo que se compromete, o sentido muda significativamente. Estar mais propenso a permanecer no emprego não necessariamente implica um melhor desempenho neste, assim como estar mais comprometido pode significar exatamente estar mais dependente e suscetível a situações precárias de inserção profissional, ou de, propriamente, desprofissionalização.

Em relação às famílias conviventes, apenas 7% dos entrevistados não se desvincularam totalmente de suas famílias de origem e habitam com seus cônjuges/união estável e seus pais ou responsáveis. Diferentemente do afirma Camarano (2006), quando diz que a formação dessas famílias conviventes parece ter sido desencadeada principalmente pela maternidade e acompanhada, em parte, pelo casamento sem uma inserção adequada no mercado de trabalho que lhes permitisse a independência econômica, esses 7% de jovens não possuem filhos, ou seja, habitam ainda com suas famílias de origem pelo fato de não possuírem condições econômicas para se desvincular das mesmas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após aplicada a pesquisa e feita uma análise do ponto de vista desses jovens trabalhadores, comprovou-se a hipótese de que os eventos que marcam a transição para a vida adulta desses jovens impactam em sua trajetória profissional, influenciando sua permanência e comprometimento com o trabalho e com as organizações nas quais atuam, pois questões como parentalidade e escolaridade pesam na sua decisão de permanência no trabalho.

Houve indícios de que a entrada na vida adulta através das relações de parentalidade e constituição de famílias faz esses jovens mantenham um maior comprometimento com seu trabalho devido à necessidade de arcar com as despesas de suas famílias. Em contraponto a isso, nota-se também que jovens que não possuem filhos, estudam e não ajudam nas despesas da casa possuem um maior comprometimento com seus projetos profissionais pessoais do que com a simples manutenção da vaga de emprego atual, de modo que realmente as fases de transição para vida adulta não obedecem uma ordem linear, assim como afirma Camarano (2006), e que os eventos que ocorrem durante esse processo influenciam sim na trajetória profissional desses jovens trabalhadores.

Constatou-se também que empresas maiores, ou pertencentes de grandes redes, valorizam mais a retenção de seus trabalhadores e investem mais no seu desenvolvimento dentro da organização, seja através de treinamentos ou ainda no desenvolvimento de carreiras. Já empresas locais dão uma certa preferência por trabalhadores que não conciliam o estudo com o trabalho, pois não se mostram muito dispostas a ter uma flexibilização de horários.

Houve muitas limitações durante a aplicação da pesquisa devido a resistências de alguns gestores das lojas do comércio de Rio Grande.

Como sugestões para trabalhos posteriores deixamos duas questões: a primeira é se a história de vida de sua família de origem impacta nas oportunidades que esse jovem tem durante o processo de transição para a vida adulta? (E aí sugerimos que a discussão sobre parentalidade, renda, constituição de família, escolarização e ingresso no mercado de trabalho volte a ser retomada associando esses mesmos fatores a aspectos da vida dos pais desses jovens); e segunda é até que ponto a idade influencia no desenvolvimento desse jovem? Pois dependendo do momento em que um evento pode ocorrer em sua vida como, por exemplo, o nascimento do primeiro filho este pode ser obrigado a “tornar-se um adulto” sem ter a plena consciência do que isso implica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.C **Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo.** p. 25 – 32; In: IPEA Mercado de Trabalho, 37, Novembro de 2008.

BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra.** In: BOURDIEU, P. 112 – 121, In: Questões sobre sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.

CALAZANS G. **Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão.** In: Abramo HW, Branco PM, organizadores. Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania; 2005. p.215-41

CAMARANO, Ana A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** In: IPEA, ISBN - 978-85-86170-86-7, Rio de Janeiro, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2ª Ed., São Paulo: Artmed, 2007

DAYRELL, Juarez; **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** p.1105-1128, In: Educação e Sociedade, vol.28, n.100 – Especial, Campinas, Out. 2007.

GARCIA, D.M.F. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho**, p. 199 - 213; In: Cadernos CERU, série 2, n. 14, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); **Censo Demográfico 2010. Resultados Gerais da Amostra.** Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **Esperança de vida ao nascer (em anos) – Brasil – 2000 a 2015.** Acesso em: 29-11-2015 Disponível em: < <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/esperancas-de-vida-ao-nascer.html>>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); **Estatísticas de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>

LEHMANN, Valéria F. **Precarização e (des) comprometimento no trabalho em organizações do comércio de materiais de construção e utilidades domésticas em Rio Grande.** In: Trabalho de Estágio Supervisionado em Administração II elaborado para a conclusão do Curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande, 2015.

LOBATO, Ana L.; LABREA, Valéria V. **Juventude e trabalho: contribuição para o diálogo com as políticas públicas.** In: IPEA – Mercado de Trabalho, 55, agosto de 2013.

MELO, Simone L. de; BORGES, Lívia de O. **A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica jovem.** p. 376 – 395 In: Psicologia, ciência e profissão, nº 27 – 3, 2007.

MOTA, Karen S.; TONELLI, Maria J. **“Trabalhar pra quê?” Percepções sobre trabalho entre jovens de diferentes estratos sociais.** In: Anais IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, Brasília-DF, 3 a 5 de novembro de 2013.

NAKANO, M.; ALMEIDA E DE. **Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação, relações entre juventude, educação e trabalho.** p.1085 – 1104, In: Educação e Sociedade, vol.28, n.100 – especial, Campinas, out. 2007.

OLIVEIRA, Sidinei R. de; PICCININI, Valmíria C.; BITENCUORT, Betina M. **Juventudes, gerações e trabalho: (re)situando a discussão sobre a geração y no Brasil.** In: Anais III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, João Pessoa-PB, 20 a 22 de novembro de 2011.

OLIVEIRA, Roberto V. de, **Juventude e trabalho como questão pública no Brasil: há uma inflexão com as iniciativas recentes?** p. 231-253, In: Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v.2, n.1, São Carlos, Jan-jun., 2012.

PAIS, José M. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos.** P. 139-165, In: Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990.

POCHMANN, M. **Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?** p.383 – 399, In: Educação e Sociedade, v.25, n.87, 2004.

RAITZ, T.R.; PETERS L. C. F. **Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família**, p. 408 – 416; In: *Psicologia & Sociedade*, 20 (3). 2008.

RIBEIRO, M.A **Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade**, p. 58 - 70; In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 63. 2011.

SEBRAE, **Rotatividade de colaboradores é recorrente no varejo**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Rotatividade-de-colaboradores-%C3%A9-recorrente-no-varejo> Acesso em: 04/10/2015.

SPOSITO, Marília P. **Indagações sobre a juventude e a escola no Brasil – institucionalização tradicional e novos significados**. p.201-227, In: *Revista de Estudos sobre Juventud*, Ed. Ano 9, n. 22, México-DF, janeiro-junho de 2005.